

Relato de Experiência

O circo na escola

Cinthia Ramos Pereira Vendruscolo

Departamento de Educação Física, UNESP Presidente Prudente, SP, Brasil

Resumo: O presente artigo retrata a experiência do Projeto de Extensão “Alegria” da FCT/UNESP numa vivência com a arte circense no ambiente escolar. Apresentamos o universo circense para crianças do ensino fundamental e, tal experiência é aqui abordada através de uma breve caracterização do Projeto; algumas considerações relevantes acerca de nossos propósitos teóricos; uma discussão sobre o circo a escola e a educação física e, finalmente os objetivos, resultados e considerações finais que caracterizam o Projeto “Alegria”.

Palavras-chave: Circo. Educação Física. Projeto “Alegria”.

The Circus at School

Abstract: This article explains Alegria Project (Happiness Project) carried by State University Paulista in the Technology and Science Faculty (FCT/UNESP). The aim was to show many positives aspects of Circus art to public school students in Presidente Prudente city. The first part is the characterization and issues of Alegria Project. The second part is dedicated to define a theoretical and practical basis of circus art proposal at public school linked to physical education. Finally, there are a description of main aims and results obtained and conclusion of Alegria Project.

Key Words: Circus art. Physical Education. “Alegria” project.

Introdução

O Projeto de extensão “Alegria” é um Projeto da Faculdade de Ciência e Tecnologia FCT/UNESP que vigora desde 1999. O “Alegria” contou inicialmente com a arte circense como objeto de pesquisa e, posteriormente, com as artes cênicas, retomando no ano de 2006, a cultura do circo como objeto de pesquisa e intervenção no ambiente escolar. Desde então desenvolveu oficinas que contemplam algumas das especificidades da arte circense para concretizar uma proposta pedagógica alternativa que favoreça situações diferenciadas dentro das escolas.

O Projeto Alegria consolidou resultados interessantes que acreditamos serem merecedores de divulgação para a comunidade científica, visto que a população local, professores e diretoria de escola têm nos procurado para realizar as mesmas atividades em outras escolas. Esse reconhecimento em relação ao projeto é resultado de um propósito teórico que se efetiva através dessas oficinas de circo.

Nesse sentido, serão evidenciados os acontecimentos relevantes das oficinas desenvolvidas no período de agosto entre 2006 a

julho de 2007, buscando evidenciar as perspectivas e limites dessa prática pedagógica.

Delimitação e caracterização do Projeto

O Projeto foi desenvolvido na EMEF Antônio Moreira Lima, situada na periferia da cidade de Presidente Prudente, priorizando uma turma de vinte crianças que foram escolhidas por seus professores através de discussões internas e consensuais, levando em consideração as principais características por eles apontadas que determinariam as crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais. A turma, então, compôs-se de crianças de terceiras e quartas séries do ensino fundamental, eleitas de acordo com as decisões estabelecidas pelos professores responsáveis por estas turmas.

As oficinas foram realizadas uma vez por semana, durante três horas, em período oposto ao horário regular de aula dos membros participantes, caracterizando como uma atividade extracurricular. A dinâmica adotada para a oficina se estruturou mediante modalidades clássicas do circo como a perna-de-pau, o tecido acrobático, os truques de malabarismos, as acrobacias de solo e a figura central do circo: o palhaço.

No decorrer da oficina, além das atividades circenses, optamos por construir um espetáculo para demonstrar os saberes desenvolvidos, compartilhar com a comunidade e encerrar os trabalhos.

No total foram realizadas quatro apresentações, sendo duas delas não previstas no projeto. A primeira apresentação ocorreu no dia 14/09/06 no aniversário de Presidente Prudente, tendo a arte circense como tema destaque das atividades desenvolvidas na escola, quando as crianças caracterizadas como palhaços desfilaram com malabares e pernas-de-pau por uma das principais avenidas da cidade. A segunda e a terceira apresentações previstas em nosso projeto foram realizadas no ambiente escolar para finalizar a oficina ministrada no 2º semestre de 2006 e, posteriormente, para fechar as atividades desenvolvidas no 1º semestre de 2007. Nestas oportunidades as demais crianças da escola puderam prestigiar “os meninos do circo” na conclusão de cada etapa (2º semestre de 2006 e 1º semestre de 2007).

A quarta e última apresentação requisitada pela Direção da escola destinou-se à formatura das crianças do Projeto de Erradicação das Drogas (PROERD) - uma iniciativa da polícia militar do estado de São Paulo que teve o circo como tema central. Neste evento, as crianças se apresentaram para um público que lotou o ginásio municipal de esportes de Presidente Prudente, contribuindo, assim, para o prestígio e divulgação da escola através do Projeto Alegria.

O Circo e a Escola

É importante compreender o papel do circo na atualidade e suas implicações, mas não será possível nesta oportunidade realizar uma digressão sobre a história do circo. Tal leitura poderá ser apreciada em outras obras específicas como em Bortoleto (2003a), Duarte (1995) e Silva (1996). Neste escrito, nos limitamos a fazer uma breve relação do Novo Circo e do Circo Social com a educação para melhor delinear nossas concepções acerca do circo e da escola.

O movimento do Novo Circo é um movimento contemporâneo que tem suas bases no circo antigo e tradicional (BORTOLETO, 2007). Trata-se de uma ampliação dos saberes circenses através da aproximação do circo com as demais

áreas artísticas e, posteriormente com o surgimento das escolas de circo.

O circo deixa de ser um saber apenas transmitido no interior das famílias, dos reduzidos grupos de artistas, e passa a ser um conhecimento a ser tratado e desenvolvido nas escolas especializadas, dando abertura a um maior número de interessados e ampliando assim, de forma exponencial, as possibilidades de ação (expressão artística) dessa arte. (BORTOLETO, 2007).

Esta gradativa adaptação por qual o circo passou acabou facilitando a disseminação dos conhecimentos desta arte em outras searas, bem como para promover um intercâmbio de saberes circenses que, por consequência, ampliou não somente suas potencialidades de expressão artística, como também social e educacional, abrangendo inclusive o ambiente escolar.

É importante expor, todavia, que este movimento do Novo Circo é encarado por alguns autores como um movimento na verdade de sobrevivência por qual o circo sempre passou. Mesmo porque supostamente o circo sempre esteve em outros espaços que não exclusivamente sob uma lona, e que somente agora esta condição se denomina com o Novo Circo. O que pode ser encarado como novo é a visão mercantilista desta arte. Costa nos traz uma perspectiva valiosa em relação a este movimento:

O que hoje se entende como novo circo nada tem de novo em essência. O novo é um pressuposto do circo. Adaptar-se, encontrar seu novo espaço, seu novo papel, foi o movimento mais permanente do circo. O que o novo circo traz de novo é o fato de compartilhar com outras manifestações cênicas a consciência de sua inserção no mercado de entretenimento. Nada além. O novo circo é herdeiro legítimo do circo tradicional porque nele encontram-se preservados seus valores fundamentais: a tradição que não amarra, o conhecimento como o maior valor, a familiaridade em lugar da família, a itinerância como meio, a maestria como finalidade. (COSTA, 2000, p.14).

No entanto, ainda com essa afirmação de Costa (2000) e também sobre o desenvolvimento de escolas especializadas de circo como afirma Bortoleto (2007); a evidência da cultura do circo em outros espaços e sob outros modelos de aprendizagem se mostra importante e conveniente para o crescimento e destaque dessa manifestação cultural tão preciosa.

Por isso, a arte circense com suas distintas possibilidades de intervenções artísticas e sócio-educativas é tão pertinente que tem obtido resultados importantes com crianças e jovens,

mas pouco divulgadas e sistematizadas as informações de seus feitos. Interessante é constatar que o que antes era visto com olhar de reprovação e de depreciação para as trupes e circos, hoje se alia justamente para favorecer o envolvimento da escola e professores com as comunidades e estudantes que estão na borda das políticas públicas e em situação de risco social.

O Circo Social é outro desdobramento importante na presente discussão que chega posteriormente ao Novo Circo e as Escolas de circo. Cassoli (2006, p.26) afirma que o surgimento do circo social traz uma modificação radical no circo ao colocar o papel filantrópico como seu principal objetivo.

O circo social e a escola de circo representam as múltiplas possibilidades de ação do Novo Circo, sendo possível verificar sua extensão através das atividades desenvolvidas e documentações reunidas pela Rede Circo no Mundo Brasil¹. De acordo com Cassoli (2006), esta rede é uma das mais importantes instituições filantrópicas do país que se apóia na linguagem circense como forma de investimento na arte-educação e se articula com organizações não-governamentais para promover o desenvolvimento integral de crianças e jovens das classes populares.

Esta breve apreciação teórica acerca do Novo Circo, da importância do surgimento das escolas de circo e do Circo Social como forma de intervenção nas camadas populares, serve para enfatizar que atualmente o circo-educação se destaca como uma possibilidade promissora para o ensino-aprendizagem. Bortoleto (2003a, 2003b e 2006) e de Fouchet (2006) são entusiastas das artes circenses como uma proposta instigadora para ser associada aos currículos educacionais. Com respaldo em Invernó:

[...] o circo, colocado de forma global, não restrito apenas à aprendizagem de simples técnicas, incide diretamente na tão ensejada educação integral dos alunos, visto que, as diferentes situações motrizes que se apresentam supõem um desenvolvimento individual para o aluno em todos os âmbitos (afetivo, social, motor e cognitivo). (INVERNÓ, 2001, p.23). (tradução do autor).

As intervenções positivas no desenvolvimento individual dos alunos que aborda Invernó talvez expliquem porque as práticas circenses têm

recebido maior atenção quando se aplica ao ambiente escolar.

Circo e a Educação Física

É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que eleger para consolidar através de suas práticas? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade? (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26).

Entendemos que o ato de educar consiste numa complexa organização conceitual em que muitas decisões devem ser estabelecidas para garantir a responsabilidade plena dos educadores. Os questionamentos acima representam parte fundamental dessa organização conceitual que caracterizará uma educação competente e compromissada. O professor de educação física não pode distanciar dessas questões norteadoras e que devem ser fundamentadas e atenciosamente vinculadas com a política das escolas. A educação física, bem como as demais disciplinas, cumpre, portanto, importante papel na estruturação de um sistema educacional coerente com a nossa realidade.

Daolio considera a educação física como uma disciplina escolar e a escola como espaço e tempo de desenvolver cultura, entendendo como sua tarefa precípua garantir ao aluno a apreensão de conteúdos culturais (DAOLIO, 2004, p.21). Deste modo, o professor compromissado também se dedica ao aprendizado cultural como um elemento significativo para um projeto maior de ser - humano e de sociedade. Assumindo essa tarefa é que podemos incluir as práticas circenses dentro/com/na escola através da apreciação da cultura corporal.

Neira e Nunes (2006), fazem uma abordagem histórica do currículo da educação física e das tendências pedagógicas que a influenciou, centrando esforços para justificar a introdução da cultura corporal na atuação do professor. Os autores afirmam que nesta abordagem “[...] o gesto fomenta um diálogo por meio da produção cultural, por meio da representação de cada cultura. O gesto transmite um significado cultural expresso nas brincadeiras, nas danças, nas ginásticas, nas lutas, nos esportes, nas artes circenses, etc.” (2006, p.228).

¹ <http://www.circodomundo.org.br/>

Todas essas manifestações corporais acima citadas são pautadas em elementos culturais que a educação física deve observar em sua prática. Concebemos, portanto, que as atividades circenses podem estar em completa sintonia com a educação física e como afirma Baroni: “[...] aparecem cada vez mais estudos que objetivam analisar o corpo a partir de um olhar cultural, enfatizando ser esse, produto e produtor de cultura.” (BARONI, 2006).

É pertinente acrescentar outras ponderações de Baroni (2006) quando explicita que a atividade circense é “expressão e vivência”; não “predeterminação dos gestos”. Em nossas experiências o inusitado rompe com comportamentos mecânicos e permite que se criem situações de liberdade de expressão com expectativas muito otimistas, confirmando o que apresenta Baroni em seu trabalho.

O Coletivo de Autores (1992) chama atenção sobre elementos ligados à cultura corporal que não podem ser deixados de lado, defendendo que essa abordagem:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

O circo e as atividades circenses, portanto, permite que o professor de educação física trabalhe com os alunos a ‘materialidade corpórea’ (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39) que historicamente foi construída e acumulada pela humanidade, estabelecendo correlações pertinentes entre as atividades ministradas e o processo histórico cultural em que estão envolvidas. A “política do Pão e Circo”; a história dos bufões de onde os palhaços se originaram e a trajetória dos acrobatas; são alguns exemplos destas relações que auxiliam a assimilação e o prazer pelas atividades desenvolvidas sob o amparo da cultura corporal.

Nessa perspectiva, a cultura corporal como um dos alicerces norteadores da educação física, juntamente com propostas metodológicas diferenciadas como no caso da arte circense, possibilita uma gama de situações criativas e

importantes para o crescimento e desenvolvimento global das crianças.

As gagues de palhaço, por exemplo, oferecem um viés a concepção crítico-superadora² para as aulas de educação física, uma vez que este personagem representa a dinâmica da sociedade com o sistema vigente. Ou seja, o palhaço é um instrumento para o professor trabalhar de maneira divertida e ao mesmo tempo engajada sócio-politicamente.

Contudo, a Oficina desenvolvida na EMEF Antônio Moreira Lima de Presidente Prudente não estabeleceu vínculo direto com a disciplina de educação física por conta de ter sido ministrada fora do horário regular de aula das crianças. Todavia, isso não influenciou na constatação de nossas perspectivas e avaliação diante do trabalho vivenciado. A concepção sobre cultura corporal, sobre novas propostas pedagógicas e também sobre que concepção político-pedagógica adotada, estruturaram-se independentemente da disciplina de educação física.

Um fator a ser relevado neste contexto consiste em direcionar os resultados da oficina em sentido a emancipação de todo corpo docente da escola, pois, mais importante que indicar propostas ou recursos pedagógicos à disciplina de educação física é tentar instigar a interdisciplinaridade e mutualidade, cooperativismo e ações coletivas diante de projetos que estimulam novas práticas e crenças cada vez mais fundamentadas para o aperfeiçoamento das instituições educacionais.

Nossos propósitos teóricos

O prazer contribui para a formação das crianças e para atuar neste quadro é necessário que, primeiramente, nos situemos sobre o papel social das nossas crianças.

Rubem Alves provoca a necessidade de reflexão sobre o conceito de criança ao indagar que: “[...] uma criança não é, que ela só será depois de crescer, que ela só será depois de transformada em meios de produção” (1988, p. 7).

² “A Abordagem Crítico-superadora, embasa-se no discurso da justiça social no contexto da sua prática. Busca levantar questões de poder, interesse e contestação, faz uma leitura dos dados da realidade a luz da crítica social dos conteúdos” (AZEVEDO; SHIGUNOV, 2007).

Camarotti expõe uma crítica na mesma vertente de Alves, mas relevando uma associação entre circo e criança: “[...] numa sociedade adultocêntrica, em que infância não é ainda ‘valor’, mas apenas ‘projeto’, associar circo à infância não passa de uma tentativa de reforçar o preconceito contra essa forma de expressão” (2004, p. 21).

Tanto o circo como a infância não são encarados seriamente; são “projetos indefinidos”. Seguindo ainda o raciocínio de Camarotti, as crianças e a arte circense podem ser úteis de acordo como são moldadas e interpretadas e, se fogem aos padrões que convêm a esta sociedade “adultocêntrica” que visa o lucro e a produtividade, acabam não obtendo o reconhecimento da mesma e tendem a ser vítimas de incompreensão. No caso da criança como um vir a ser e, no caso do circo estritamente lúdico e divertido; quando na verdade a criança é um ser em si em movimento e o circo um universo complexo que usa a linguagem lúdica para comunicar coisas sérias através da ironia e da comédia.

A realidade é que a finalidade que uma criança terá, é ser um adulto produtivo e engajado neste sistema de valores. O presente, o prazer e as relações imediatas não incorporadas nesta relação de valores utilitários se traduzem na brutalidade de tornar a criança um projeto permanente e não um ser do aqui e do agora e do viver infantil.

Todavia, observamos que a concepção de Rubem Alves e Marco Camarotti, respectivamente sobre o papel que a criança desempenha e a concepção que estigmatiza a cultura do circo, vem se modificando. As diretrizes, leis e parâmetros, ao menos na teoria, esboçam em parte de seu conteúdo uma percepção humanista, contrária à idéia desenvolvida por Alves de utilidade e inutilidade da criança. O lúdico e o prazer no universo infantil tornaram-se objeto de estudo relevante às pesquisas acadêmica e, novos projetos, agora interpretados como recursos promissores ao desenvolvimento global dos escolares, contemplam a emancipação das crianças.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil ilustra esta nova perspectiva expondo que: “[...] as crianças têm direito, antes

de tudo, de viver experiências prazerosas nas instituições” (1998, p. 14).

Observa-se, no entanto, a presença de empecilhos ideológicos nas instituições educacionais, dificultando a efetivação de propostas que redirecionam a interpretação do universo infantil. O atrelamento da escola com uma prática de formação para o mercado de trabalho apresenta-se como principal fator a ser indicado.

Analisando o papel que a criança exerce na sociedade sob a influência de um sistema educacional que se caracteriza como instituição cultural de sujeitos *livres* (PARO, 2001, p. 15); o parágrafo acima referenciado pode ser explicado pela lógica do neoliberalismo influenciando a gestão e o papel da escola básica. De acordo com Paro, há uma tendência sob o capitalismo de aplicar a todas as instituições, inclusive às educativas, os mesmos princípios e métodos administrativos que vigoram numa empresa capitalista.

Seguindo essa lógica, é pertinente complementar a discussão com uma citação que permite enfatizar a dificuldade de estabelecer o que é proposto pelo Referencial Curricular Nacional, pois:

A idéia na qual se funda a tendência da escola é a de que o divertimento, o lazer, a arte, por não serem pragmáticos, úteis, se opõem ao trabalho, convertem a alegria e o brincar em manifestações indesejáveis ao ambiente escolar, por ligarem-se ao ócio, ao prazer e à vida imaginativa, opondo-se ao racionalismo que se pretende. (OLIVEIRA, 2006 p. 81).

É forte a resistência advinda da escola para a realização de atividades que contrapõem à idéia na qual ela se funda. As bases teóricas atuais estão rompendo com este pragmatismo, mas a efetivação da prática dessas teorias permanece imbuída e restrita a um falso moralismo que em muitos casos permeia o ambiente escolar.

Contudo, no decorrer da oficina, conseguimos estruturar e sustentar entre a direção e alguns professores envolvidos uma concepção positiva das propostas estabelecidas pelo Projeto, por conta de resultados concretos em sala de aula, mais à frente especificados. Do contrário, não podemos constatar se a aceitação do Projeto teria tal aprovação se as crianças mantivessem o “problemático” acompanhamento em sala de aula. Essa discussão foi de fundamental

importância para nós pesquisadores, posto que nossa principal constatação estruturou-se na mudança positiva de atitudes comportamentais das crianças ao longo da oficina. Determinamos que já ficaríamos muito satisfeitos se as crianças tivessem saído “simplesmente” felizes do Projeto, compreendendo que as melhorias no aproveitamento escolar são reflexos de incentivos provenientes de situações alegres e contagiantes.

O que insistimos em destacar é a aparente falta de estímulo ou mesmo descrença de alguns professores e da direção da escola nas potencialidades de atividades que incluem o prazer e a alegria que deveriam estender-se à sala de aula. A escola não atua em favor de ações autônomas para obter a independência de projetos externos.

Enfim; de acordo com os pressupostos teóricos delineados acima, entendemos que o Projeto foi positivo quanto a nossa formação intelectual e profissional, relevando ainda uma contribuição reconhecida à escola onde se realizou o Projeto e convites para desenvolver a mesma oficina de circo em Instituições outras.

Objetivos e resultados apresentados

As escolas são alvos de todo o tipo de experimentação e de opiniões sobre as práticas que caberiam para melhoria do aproveitamento escolar. Aqui se deve ponderar que a presente proposta é apenas uma contribuição adicional ao trabalho nas escolas. Não é nossa pretensão solicitar de professores não habilitados trabalharem com as artes circenses, mas auxiliar nas suas múltiplas tarefas e deveres que nem sempre são contemplados pelo currículo escolar obrigatório. Nossa proposta não se apresenta como uma contraposição pedagógica e nem como um sentido utilitarista. Exercer tais atividades dessa forma empobreceria a experiência.

Este antemão serve para alertar que não queremos apresentar uma fórmula acabada de um “novo” conhecimento escolar e nem que tal prática se imponha aos professores, pois isso pode levar a uma interpretação errônea de nossos propósitos teóricos e práticos

Buscamos inserir o universo circense na realidade escolar como um recurso pedagógico, intervindo nas relações de valores, “utilidade” e “inutilidade” social das crianças e, com este delineamento, valorizar a atuação do profissional

da educação, que foi instigado a refletir sobre o papel da escola, a concepção de crianças e sobre o uso de propostas pedagógicas – ou o que pode ser “aproveitado” dela; a fim de colaborar para o desenvolvimento global da criança.

Para tanto, a determinação dos objetivos específicos pautaram-se em: Avaliar o desenvolvimento global das crianças com enfoque no aproveitamento escolar e conquista da auto-estima; confrontar os valores da competitividade com as práticas cooperativas; estimular valências psicomotoras em consonância com a cultura corporal e coletar impressões de professores sobre a Oficina de circo.

A apreciação dos objetivos estabelecidos teve como respaldo metodológico a pesquisa-ação e pautou-se em relatórios descritivos de nossas atividades, análise da ficha de acompanhamento das crianças envolvidas com o Projeto e entrevista com os professores. O diário de campo possibilitou a estruturação de uma análise geral de cada aula ministrada, facilitando a auto-avaliação da questão didático-metodológica³ que utilizamos e, como a dinâmica das atividades estava influenciando as crianças em âmbito comportamental e relação das valências ou capacidades psicomotoras de cada um.

O aperfeiçoamento de capacidades psicomotoras pôde ser observado através da familiarização das crianças com os instrumentos circenses: pernas-de-pau, malabares e tecido acrobático; bem como a proximidade com as técnicas específicas das acrobacias de solo.

Um exemplo que autenticou nossas observações quanto ao desenvolvimento psicomotor das crianças, concretizou-se na primeira apresentação das crianças, onde elas caminharam mais de um quilômetro com pernas-de-pau representando a escola no desfile de comemoração do aniversário de Presidente Prudente.

Já as análises que respaldaram a avaliação referente às atitudes comportamentais das crianças, foram estruturadas a partir das

³ Entende-se aqui como questão didático-metodológica a nossa administração e condução das aulas da Oficina. Basicamente as aulas foram sempre divididas em partes: Aquecimento com brincadeiras ativas, seguidas por um alongamento para prevenir lesões por conta dos exercícios

experiências com a apresentação da figura do palhaço e, também, de acordo com a aceitação das atividades e o desenvolvimento das mesmas.

As crianças encarnaram o espírito do personagem cômico do palhaço, esboçando, a cada aula, peculiaridades individuais, estimulando ações espontâneas que culminaram na depreciação da homogeneidade⁴ que parte de nossa sociedade sustenta ideologicamente. A figura do palhaço auxiliou a formação de um senso crítico que age com desdém diante das dificuldades banais que normalmente são álibis para chacotas e “zoações”. Ou seja, a falta de coordenação para determinados exercícios; a dificuldade que uns têm com o tecido acrobático e outros com os malabares ou as discrepâncias entre as concepções de fácil, difícil, bonito ou feio deixaram de ser empecilhos.

As crianças começaram a fazer a cambalhota “torta” ou a estrela “esquisita” sem constrangimentos. Afinal de contas, cada um colocava-se com dificuldade em atividades distintas. O incentivo ao acerto por parte dos colegas ocupou o lugar do tratamento rude de ridicularizar o outro que havia no início de nossa oficina. Essa dinâmica construiu noções de respeito à diversidade e individualidade do próximo, refletindo em administrações de situações similares em espaços como a sala de aula e no ambiente familiar.

Essa afirmação que expõe melhoras também no ambiente familiar é proveniente de relatos informais feitos pelos pais de algumas crianças que compareceram às apresentações. Podemos destacar o depoimento de uma das mães presentes na segunda apresentação ocorrida na própria escola: “Meu filho não gosta de estudar e nem de ir para a escola; mas depois que começou essas aulas de circo ele anima-se todo, todos os dias, para ir para a escola”. (sic) (depoimento da Mãe de C.).

Outro apontamento da análise de nossos relatórios que ilustra atitudes comportamentais reveladoras de uma concepção humanista e solidária destacou-se com o momento da perna-de-pau. Esse instrumento contribuiu na superação de atitudes cooperativas sobre as competitivas, posto que o número restrito deste

material associado com a parte da aula de maior excitação entre as crianças, exigiu ações coletivas, pois quando um auxiliava o outro para colocar, tirar e também dar segurança durante a atividade; aumentava a probabilidade de mais crianças vivenciarem tal material, estimulando a solidariedade e respeito mútuo. Bortoleto embasa esta análise com relação às atividades com perna-de-pau quando destaca que:

[...] a prática diária não se restringe somente à atividades individuais (psicomotrices), em realidade engloba também atividades coletivas, cooperativas e/ou colaborativas sociomotrices). [...] a ajuda dos companheiros passa a ser uma ferramenta importante deste processo, tanto para permitir uma maior dinâmica das aulas, maior segurança, implicação, companheirismo, quanto para a regulação (correção) externa das ações motrices e dos comportamentos executados. (BORTOLETO, 2003).

Contamos ainda com um documento elaborado por uma das professoras da EMEF Antônio Moreira Lima, datado em 01 de dezembro de 2006, e assinado pela Direção, que reforçou o sucesso da Oficina no que diz respeito aos objetivos delimitados.

A professora da 4ª série F, Rita de Cássia, responsável pelo documento acima especificado declarou oficialmente que: “Os alunos da 4ª série F, [...] obtiveram avanços significativos em vários itens como: aprendizagem, comportamento, desinibição e notas”.

Estavam sob a responsabilidade desta professora oito crianças que compunham a sua turma e também participavam da oficina de circo. Diante dessa observação, é pertinente relevar outro trecho do documento: “Dos alunos participantes, seis obtiveram avanços na aprendizagem, demonstrando mais atenção e interesse nos assuntos trabalhados em sala de aula e conseqüentemente, avançaram também em seus conceitos e notas”. (Rita de Cássia, professora da quarta série F no ano de 2006 – EMEF Antônio Moreira Lima – Presidente Prudente).

Este documento foi uma atitude voluntária desta professora, mas que contribuiu para a legitimidade de nossos dados finais.

É gratificante podermos afirmar que os objetivos propostos foram contemplados e que professores, pais e Direção da escola reconheceram resultados obtidos. Essas crianças, sem perder o seu sentido de infância,

que compunham as acrobacias de solo; o ensaio para a apresentação final e a vivência com as técnicas circenses.

⁴ Classificação Gramsciana a despeito da manutenção do status quo no sistema vigente, pela classe dominante.

construíram uma utilidade que transcende o utilitarismo da educação para o trabalho e na cultura adultocêntrica que alertamos anteriormente.

Os resultados do Projeto foram divulgados em eventos científicos, como: XVIII Semana da Educação da FCT/UNESP; III Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte e XIX Semana de Educação Física da UEM; IV Congresso de Extensão Universitária da UNESP; XIX Congresso de Iniciação Científica da UNESP e, ainda, em Oficinas requisitadas pelo Diretório Acadêmico e Centro Acadêmico de Educação Física da FCT/UNESP contribuindo para o amadurecimento de nossos ideais em âmbito prático e teórico.

Considerações finais

A escola é refém e mantém um sistema ideológico opressor e excludente pautado na formação para o mundo do trabalho. Então, mesmo que seja reconhecida a importância das atividades lúdicas no ambiente escolar, os seus conteúdos e práticas são fortemente norteados pela lógica do trabalho e do utilitarismo. A valorização da razão sobre os outros valores da cultura corporal priva as crianças de um desenvolvimento pleno e saudável, que impede a qualificação da sua auto-imagem e confiança sobre suas potencialidades.

Ministrar a oficina de circo acabou por esclarecer aos professores e coordenadores da instituição, assim como para nós pesquisadores, que; na verdade, o que permitiu o avanço das crianças participantes do Projeto quanto ao rendimento escolar, a melhora no comportamento afetivo e a retomada de uma auto-estima positiva não foi a atividade circense em si. A felicidade deve compor o aprendizado em todas as disciplinas. Seria um erro achar que só o circo deve fazer isso. Se assim fosse, todas as escolas deveriam ter educação circense como tem sido proposto para a educação ambiental.

As crianças, com felicidade, realizam outras tarefas com mais prazer, mais dispostas ao acerto e menos frustradas com os erros. A presente proposta de incluir a arte circense na escola teve resultados positivos, mas não é preciso implantar uma disciplina que contemple as características dessa aula, ou, mesmo as aulas de educação física, não precisam necessariamente trabalhar com essa temática

para obter bons “resultados”. O essencial desse trabalho é esclarecer que o que realmente precisamos é de situações prazerosas que independem do conteúdo. Uma aula de matemática, por exemplo, pode trabalhar com o bom humor e instigar o gosto das crianças pela busca do conhecimento obtendo resultados prósperos, sem ficar dependente de estratégias complementares que não contemplam a realidade da sala de aula.

Concluimos que as demais disciplinas deveriam inserir o humor, o prazer e a alegria no conteúdo específico que é proposto. Todavia, se for decidido incluir a arte circense nas escolas; isso não será má idéia!

Referências

- AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física. **Kinein**, Florianópolis. Disponível em: <http://www.kinein.ufsc.br/edit01/artigo2.pdf>. Acesso em 19 jul. 2007.
- ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- ARANTES, V. A. **Humor e alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006.
- BARONI, J. F. Arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v.9, n.1, p. 81- 99, jan./jun. 2006.
- BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.
- BORTOLETO, M. A. C. A perna de pau circense: o mundo sob outra perspectiva. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.9, n.3, p. 125 – 133, set./dez., 2003a.
- BORTOLETO, M.A.C.; MACHADO, G.A. Reflexões sobre o circo e a educação física. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n.12, p.41-69, 2003b.
- BORTOLETO, M. A. C. Circo y educación física: los juegos circenses como recurso pedagógico. **Revista Stadium**, Buenos Aires, ano 35, n. 195, p. 15-26, mar. 2006.
- BORTOLETO, M. A. C.; DUPRAT, R. M. Educação Física Escolar Pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171 – 189, jan. 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

Recebido em: 10 de fevereiro de 2009.

Aceito em: 27 de maio de 2009.

CAMAROTTI, M. **O palco no picadeiro:** na trilha do circo-teatro. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2004. v. 9.



CASSOLI, T. **Do perigo das ruas ao risco do picadeiro:** circo social e práticas educacionais não governamentais. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, M. M. F. O velho-novo circo. Um estudo de sobrevivência organizacional pelos valores institucionais. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2000.

DAOLIO, J. **Educação física e conceito de cultura.** Campinas: Autores Associados, 2004.

DUARTE, R. H. **Noites circenses:** espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

FOUCHET, Alain. **Las artes del circo:** una aventura pedagógica. Buenos Aires: Editora Stadium, 2006.

INVERNÓ, J. **Circo y educación física:** otra forma de aprender. Barcelona: INDE Publicaciones, 2003.

Neira, M. G. ; Nunes, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal:** crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

PARO, V. H. **Escritos sobre educação.** São Paulo: Xamã, 2001.

SILVA, E. **O circo:** sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. Março de 1996. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

Endereço:

Cinthia Ramos Pereira Vendruscolo
Rua José Levy Guedes, 310 – Jardim das Rosas
Presidente Prudente SP Brasil
19060-206
e-mail: cinthia.vendruscolo@gmail.com